



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 13 N. 01 2017

Literatura e Confinamento I

## A (re)construção de si nos reflexos de um confinamento: um estudo sobre *Hospício é Deus: diário I*, de Maura Lopes Caçado.

Ornella Erdós Dapuzzo

**Resumo:** O presente artigo intenta uma breve análise da obra *Hospício é Deus: diário I*, de autoria de Maura Lopes Caçado, a partir dos questionamentos do “confinamento” enquanto produtor e gerador de um *eu*. Além disso, diálogos com as noções de discurso e instituição serão referenciados para dar suporte à análise dos enunciados presentes no texto de Caçado.

**Palavras chave:** Maura Lopes Caçado; confinamento; discurso.

**Abstract:** Abstract: The following article aims to analyze the work *Hospício é Deus: diário I* written by Maura Lopes Caçado, through de considerations about “confinement” as an agent of a self. Furthermore, studies regarding “discourse” and “institution” will be discussed in order to support the analysis about Caçado’s work.

**Key-words:** Maura Lopes Caçado; confinement; discourse.

*Este é um livro perigoso, feito para comprometer irremediavelmente sua consciência. A tranquilidade dos que se julgam impunes e lúcidos, dos que ainda não sabem, porque ainda não olharam para dentro de si mesmos, que Deus também pode ser o Inferno, ou o Hospício.*

Reynaldo Jardim

Reynaldo Jardim atenta os leitores de *Hospício é Deus: diário I* sobre o perigo que é o texto que temos em mão. A potência do seu discurso, que ecoa na atualidade para que possamos pensar o confinamento, a resistência e a denúncia através da arte literária, desloca nossa ótica para o entendimento de que a lucidez está muito mais próxima à loucura do que imaginamos e, além disso, que os signos “deus”, “hospício” e “inferno” dizem muito mais do que se pretendem, uma vez que se aproximam semanticamente de acordo com as relações estabelecidas pela narradora ao longo do texto.

Iniciando sua consolidação na literatura brasileira a partir de 1958<sup>1</sup>, Maura Lopes Cançado passou a ser conhecida não apenas pelos textos que produzia como colaboradora do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB) mas, principalmente, pela condição em que se colocou e foi colocada ao longo da vida: “excessiva”, “louca”. Com uma trajetória muitas vezes reduzida aos espaços asilares, o mote central de sua escrita passa a ser todos os deslocamentos e atravessamentos que sofreu a partir da realidade de confinamento em instituições psiquiátricas<sup>2</sup>. O manicômio, a busca de identidade e a inquestionável sanidade crítica, são os aspectos que mais chamam a atenção em sua produção e, na atualidade, ecoam e são ressignificados a cada leitura.

Em sua terceira internação no *Centro psiquiátrico Pedro II*, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, Maura Lopes Cançado inicia um processo de escrita diária que, inicialmente, não se afirmava com propósitos objetivos. Por ter sempre mantido forte desejo em tornar-se escritora e, desde 1958 colaborando com o *SDJB*, o processo de narrar e construir textos não era um fato estranho. A possível diferenciação que se pode alegar é que, ao escrever em uma situação de confinamento, a autora possivelmente agregou aos momentos de criação a construção de um local de purgação.

*Hospício é Deus: diário I*<sup>3</sup> é o título dado à obra resultante de aproximadamente cinco meses de internação. Do final de 1959 ao início de 1960, a autora desenvolve uma construção narrativa calcada nos processos mnemônicos de um passado distante e outro nem tanto, construindo e reconstruindo uma imagem de si e de seu entorno claustrofóbico. E é a partir da condição de “sujeito confinado” que Maura lança suas reflexões e anseios referentes ao espaço que a desloca, potencializando suas possíveis razões para a escrita e criando um *locus* de autoanálises:

25-10-1959

Aquí estou de novo nesta “cidade triste”, é daqui que escrevo. *Não sei* se rasgarei estas páginas, se as darei ao médico, se as guardarei para serem lidas mais tarde. *Não sei* se têm algum valor. Ignoro se tenho algum valor, ainda no sofrimento. Sou uma que veio voluntariamente para esta cidade – talvez seja a única diferença. Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio. Dizem que escrevo bem. *Não sei*. Muitas internadas escrevem. O que escrevem não chega a ninguém – parecem fazê-lo para elas mesmas. Jamais consegui entender-lhes as mensagens. Isto talvez não tenha a menor importância. Mas e eu? Serei obrigada a repetir sempre que *não sei*? É verdade: “*NÃO*

---

<sup>1</sup> Maura Lopes Cançado publica, em 1958, seus primeiros poemas através do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB).

<sup>2</sup> A partir da pesquisa elaborada por Maria Luisa Scaramella (2010), tomamos conhecimento de que Cançado passou por mais de uma instituição psiquiátrica, de Belo Horizonte (quando se internou pela primeira vez aos dezoito anos), ao Rio de Janeiro, onde residiu até o fim de sua vida, também passando por diferentes locais de “tratamento”.

<sup>3</sup> A partir deste ponto farei referência ao título da obra através da sigla “*HD*”.

*SEI*". Estou no Hospício. O desconhecimento me cerca por todos os lados. Percebo uma barreira em minha frente que não me deixa ir além de mim mesma. Há nisto tudo um grande erro. Um erro? De quem? *Não sei*. Mas de quem quer que seja, ainda que meu, não poderei perdoar. É terrível, deus. Terrível. (CANÇADO, 2015, p. 30-31) [grifos meu]

Esta cidade triste que Maura relata é o espaço gerador e construtor de si mesma. É através desse local de experiência que a narradora se busca e, na dificuldade de encontrar-se, inventa-se. O processo de investigação de si faz dessa narradora uma espécie de ambulante de si mesma. Seus devaneios, críticas e questionamentos são os meios que encontra de redescobrir suas perspectivas e, quem sabe, tornar de conhecimento público todos os mecanismos arbitrários de uma psiquiatria institucionalizada.

Essa consciência da dificuldade de compreensão de sua realidade é o que torna a escrita de Cançado um tipo de texto orgânico, ou seja, aparenta constantemente uma impossibilidade de ser acabado, moldado ou fixado, uma vez que pode ser entendido como um ato de reconfiguração de uma subjetividade ativa. Maura não faz de seu diário mero espaço de descrições cronológicas dos acontecimentos de seu dia a dia ou de análises meramente intimistas. Para além disso, utiliza-se das folhas como suporte de *busca e perdição* de si mesma e de uma possível compreensão da realidade asilar.

A repetida utilização do “não sei” demonstra o caráter nada fechado de sua escrita, o que possibilita uma postura de plurissignificação em suas palavras ao longo das páginas. Além disso, assumir esta postura ignorante frente à realidade em que se encontra, caracterizaria também a dificuldade que a narradora tem de conseguir estabelecer quem ela é, trazendo para a ação da escrita uma nova característica para além da “salvação”: a possibilidade de existência e (re)encontro consigo. Ser este sujeito em suas próprias ignorâncias pode ser um meio de entendermos o processo que Cançado faz de renúncia de si mesma <sup>4</sup>e, por consequência dessa renúncia, acaba por inferir novos saberes.

De acordo com Georges Bataille (2016), é no processo de entrega à impossibilidade de um saber consciente e totalizante que o sujeito poderia experimentar o “arrebato” e, então, inferir alguma significação de seu “existir” (p. 87). O texto de Cançado parece ser esse ponto de arrebato que Bataille menciona, uma vez que a sua busca pelo desejado (a

---

<sup>4</sup> Pode ser que o/a leitor/a questione a utilização de termos que pressupõem uma significação contraditória, como no caso de “reconstrução”, “reencontro” e “renúncia”. Por isso reitero que essas escolhas são conscientes e propositais, uma vez que o texto de Cançado é fonte de possibilidades de encontros entre os paradoxos significativos dos elementos em sua volta. Ela só se encontra por meio de sua constante perdição.

compreensão consciente de um saber; saber de si) pode se dar apenas nos instantes de renúncia. Nas palavras da própria personagem temos:

24-02-1960

Não quero nada, não desejo nada. Nem mesmo ter consciência de que não quero: custa. Não lutarei por coisa alguma, quem me obriga? A ideia da morte não me deixaria lutar por nada. Curioso: eu era bem menina: se me dispunha a estudar, caía logo em profundo desânimo: “Para quê se depois morro?”. Este niilismo não me deixa força ao menos para afirmar que sou niilista. Não devemos lutar diante da ausência de objetivo porquanto o objetivo inconsciente é não ser. (CANÇADO, 2015, p. 185)

Afirmar a ausência de desejo, regar-se com a apatia do “nada” e, para além disso, construir-se no entendimento de que somos uma perfeita ignorância a respeito de nós mesmos, pode ser um dos fatores que contribuem para o movimento que a narradora faz dentro de sua escrita. Por causa disso é que podemos pensar esse ponto de renúncia como o instante gerador de seu saber: é na sua realidade labiríntica que se possibilita uma estabilidade e uma reconstrução consciente de si: estou aqui, sou o agora.

Pensando a partir da ótica de que o sujeito narrativo de *HD* exprime-se e constitui-se através desse fazer textual que se organiza diariamente, podemos recorrer a uma breve análise sobre essa escrita diária que, segundo a narradora, “Não é, absolutamente, um diário íntimo, mas tão apenas o diário de uma hospiciada, sem sentir-se com direito a escrever as enormidades que pensa, suas belezas, suas verdades” (p. 132). Segundo Maurice Blanchot (2013), o diário é uma espécie de escrita de fuga, uma escrita do medo. Em outras palavras, assegurar-se na possibilidade de produção textual cronológica, diária, datada, é esquivar-se do silêncio, ou seja, do “que há de extremo na fala” (p. 273).

Leonor Arfuch aponta, a respeito do diário, que este “contém o sobrepeso da qualidade reflexiva do viver” (p.145), ou seja, uma prática de escrita que possibilita a construção e o (re)conhecimento de si, e que vem a amparar-se na qualidade de um ato psicoterapêutico que possibilita afirmar-se na narrativa e resistir às dores de um determinado espaço. O texto que se consolida – mas que jamais está concluído em si – é como uma espécie de organismo. Passaríamos então a apreender o que lemos a partir do gesto que é o ato discursivo de um processo de escrita. Para Florencia Garramuño (2012), “a escrita aparece mais próxima de uma ideia de organismo vivo, irracional, que respira, do que uma construção acabada ou de um objeto concluído, que seria exposto, incólume e soberano, diante do olhar dos outros” (p. 27).

Torna-se profícuo pensar o diário de Maura enquanto um organismo vivo, uma vez

que o sujeito da narrativa se apresenta em constantes mutações e retornos à noção de sua identidade. Ainda, ter noção de que a identidade está diretamente ligada ao seu espaço: um espaço que constrói e destrói um sujeito, este, em *HD*, considerado um “doente mental”.

Doando-se ao seu movimento narrativo, Maura atravessa uma experiência que a coloca, diariamente, sob o signo da incerteza. Os possíveis pesos do pensamento, da angústia e de seu estado de nervos, não garantem à personagem a possibilidade de se amparar em uma verdade absoluta. Maura Lopes Cançado *escreve*, e ao *inscrever-se* na narrativa, possivelmente busca *gritar*, o que por suas razões não seria possível de ser enunciado na vida empírica, sujeita a repressões e novos diagnósticos arbitrários. A criação literária e a construção de um eu narrativo são fonte de garantia da lucidez que existe, mas que é confundida com loucura. Em trecho de *HD* temos:

16-11-1959

(...)

Sou um número a mais. Um prefixo humilde no peito do uniforme. Quando falo, minha voz se perde na uniformidade que nos confunde. Ainda assim falo. Falo à dona Dalmatie, ao médico, às internadas como eu. Falo comigo. E falo a ---- que não existe para mim. A inutilidade do meu falar constante. Cerca-me o Nada. O Nada é um rio parado de olhar perdido. (CANÇADO, 2015, p. 58)

Essa “inutilidade do falar” a que Maura remete-se em seu escrito, possibilita que passemos a inferir os respaldos denunciativos presentes em sua narrativa. Ser um número, ser um sujeito diagnosticado, ser estatística e, para além de tudo isso, ser desacreditada frente a instituição corretiva, demonstra, inicialmente, o que Michel Foucault (2014) significou quando disse que “todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada (p. 11). O filósofo aponta para a falsa necessidade construída no imaginário social de que a palavra do louco é destituída de razão e, por conta disso, não carrega significações relevantes.

Maura fala, mas o seu discurso não é factualmente considerado. Toda a significação do que diz ou daquilo que escreve é transferido para uma análise de cunho psiquiátrico. Os dizeres da narradora não são capturados a partir de uma lógica da construção de um saber, pelo contrário, são facilitadores para a legitimação dos diagnósticos e a manutenção dos poderes institucionalizados. Mesmo assim Maura fala:

19-12-1959

(...)

Eu, jamais quando posso, peço por omissão. *Grito* a minha revolta pelo que julgo errado,

denuncio os erros que percebo. Os médicos, sim, pecam por omissão. Dr. A. sempre deixa isso bem claro. (CANÇADO, 2015, p. 117)

Tomando essa possível tentativa de evocação da lucidez a partir do processo de escrita, Monique Plaza (1989) discorre a respeito da posição e tentativa de efetivação do autor frente a sua realidade e construção do personagem:

O autor tenta, pelo seu escrito, assinar com o mundo um novo pacto que lhe permitirá, após as dores da objectivação, inter-relações e reconhecimento recíprocos. Realiza um trabalho para se demonstrar a si próprio e mostrar ao leitor que recuperou toda a sua razão. O seu texto é, pois, a expressão e o lugar de um renascer para o mundo, de um renascer que ele levará a cabo em plena e lúcida consciência. (PLAZA, 1989, p.115)

Conjeturando a obra de Cançado como *local* de sobrevivência e denúncia, a partir de um olhar que ficcionaliza a experiência, passamos a entender seu diário como um conjunto de palavras consubstanciadas com a existência. A realidade a atravessa e, indubitavelmente, se encontra nas palavras e trajetos da personagem. Para pensarmos o espaço asilar enquanto fonte claustrofóbica da identidade e, além disso, como o objeto a ser denunciado no texto de Cançado, nada mais profícuo do que o texto imagético de um ex-internado do Hospital Psiquiátrico Pedro II:

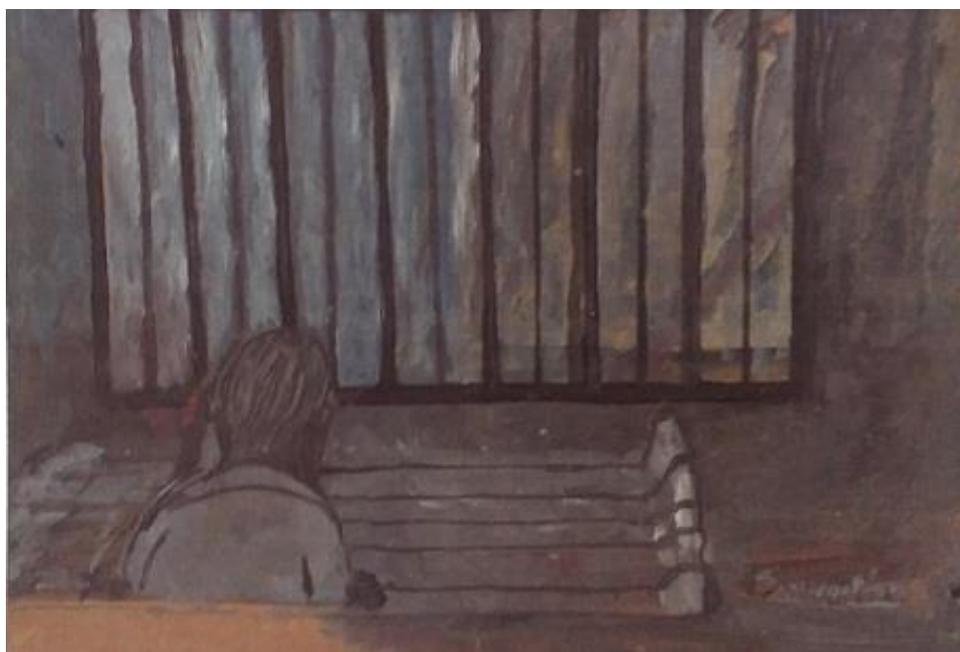


Fig. 1- Emygdio de Barros, 01/07/1970, óleo sobre papel, 33,0 x 48,4cm

Fonte: SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. (2015)

Recorrer a essa imagem possibilita-nos aprofundar um pouco mais os mecanismos de resistência e denúncia utilizados na obra *HD*. Emygdio de Barros<sup>5</sup>, através de sua expressão a respeito do olhar que adquiriu no Hospital Psiquiátrico Pedro II, transpõe à tela o que poderíamos entender enquanto uma sensação de clausura. A predominância do cinza exprime a opressão que os muros gélidos da instituição desencadeiam. Para Nise da Silveira, é uma espécie de “isolamento diante das grades, pintura em tons cinza, que exprimem sentimentos de tristeza e solidão. Hospital psiquiátrico e cárcere confundem-se.” (p. 38). Paralelamente, Cançado emite suas considerações sobre este espaço que também a violenta, aproximando a instituição de forma semelhante ao modo como o pintor relatou em sua tela:

25-10-1959

Hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus. (CANÇADO, 2015, p. 26)

O entendimento elaborado pela narradora se constrói sob os efeitos perceptivos que possui a respeito desse espaço de confinamento em que se encontra. Toda a frieza, explicada pelos signos “branco”, “flores frias”, “mármore” e “futuro”, desencadeiam uma espécie de incompreensão do porvir. Estar no hospício seria, portanto, estar fora de uma realidade que se movimenta – como aquela fora dos muros. Além disso, é valioso apontar para a analogia existente entre o trecho supracitado e o título dado à obra: Hospício é uma *incompreensão* com a qualidade de *impossibilidade* de preencher uma significação absoluta. Hospício é, para a narradora, aquele que tudo vê, tudo sabe e tudo pode, da mesma forma como Deus.

Discorrendo sobre esse caráter dado à instituição, podemos sinalizar e aproximar às falas de Maura a feição dada por Franco Basaglia à psiquiatria institucional. Conforme o psiquiatra italiano, os espaços asilares são “instituições da violência” (p. 36). O que está em xeque não é, verdadeiramente, a busca de melhoria individual do paciente internado e sim a necessidade de manutenção da divisão entre aqueles que detém certo poder na sociedade e os que são dominados. Nas palavras do pesquisador:

---

<sup>5</sup> Emygdio de Barros (Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, 1895 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986). Pintor. Interno do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II desde 1920, inicia seus estudos artísticos, em 1946, no ateliê de pintura dessa instituição, mantido pelo Serviço de Terapia Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional. (EMYGDIO de Barros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22976/emygdio-de-barros>>. Acesso em: 01 de abr. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

A família, a escola, a fábrica, a universidade, o hospital são instituições baseadas numa clara distribuição de papéis: a divisão do trabalho (senhor e servo, professor e aluno, dirigente e dirigido). Isto significa que o mais característico de tais instituições é uma cortante separação entre os que detêm o poder e os que não o detêm. Do que se pode também deduzir que a subdivisão dos papéis expressa *uma relação de opressão e de violência entre poder e não-poder, que se transforma na exclusão do segundo pelo primeiro*: a violência e a exclusão se acham na base de todas as relações suscetíveis de instaurar-se em nossa sociedade. (BASAGLIA, 1974, p. 36)

Maura instaura em seu discurso a noção de que os muros cinzas dividem a sociedade entre loucos e lúcidos. Contudo, o ponto chave não é, nesse momento, pensar nessa divisão, mas aprofundar para a noção de que os muros impossibilitam que os “de fora” tenham uma ideia do que é a realidade de dentro, ponto crucial para que se mantenha uma segregação legitimada socialmente. Contudo, a personagem demonstra forte lucidez crítica frente a essa realidade e, de forma influente, diz:

1º- 2- 1960

(...)

Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade, lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? (CANÇADO, 2015, p. 160)

As denúncias consumadas por Cançado estão no tocante totalizador da instituição psiquiátrica, abarcando não apenas as questões intimistas de um eu que se sente sufocado e incompreendido, mas principalmente as arbitrariedades e negligências de uma instituição à serviço do Estado. É fato que em muitas ocasiões a narradora se veste de um pano alienador e em defesa de si, situando-se enquanto diferenciada quando comparada às outras internas, contudo, o ponto essencial é verificado a partir dos enunciados que esta narradora produz em sua acusação no tocante à realidade de cada mulher ali submetida a um “tratamento”<sup>6</sup>. Vemos em trecho de *HD* o que poderia ser entendido enquanto uma espécie de transbordamento:

12-11-1959

(...)

Tudo passa despercebido (como tudo de errado aqui dentro), a vítima deixa o refeitório sem tomar refeição, não faz queixa, permanece com fome até o dia seguinte, são estas coitadas que as guardas classificam de “boazinhas”. A verdade é que ninguém se incomoda com os maus-tratos dispensados aos doentes. As guardas dizem que devemos nos sentir felizes por termos o que comer. (Naturalmente não me dizem isso. Ah, se dissessem.) Médicos não sabem se comemos ou não. Sim: POR QUE O MÉDICO VAI SE PREOCUPAR COM A SENSIBILIDADE DO DOENTE MENTAL? ELES GOZAM DE PERFEITA SAÚDE,

---

<sup>6</sup> Para Carlos Henrique Escobar (1974), o termo “tratamento” não se aplicaria mais, uma vez que dentro dessas instituições psiquiátricas o que ocorre seria um processo de “repressão” e “alheamento” (p. 9).

Torna-se perceptível no trecho citado que a lógica institucional implementa recortes de identidade a favor da “ordem” estabelecida pelo espaço. Revoltar-se pela falta de comida ou até mesmo acionar questionamentos a respeito de si (diagnóstico, por exemplo), seriam vistos enquanto propulsores de legitimação da “loucura”. Aquelas internas que “aceitam” o fato de não terem sido alimentadas devidamente são consideradas as mais lúcidas, boas, calmas etc. Já a presença de alguma imposição, gerada pela raiva e revolta, seria, possivelmente, tratada à base de eletrochoques, detenção em quarto forte e remédios em geral – o caso das “incuráveis”. Ao final do trecho, a indagação sobre a saúde mental dos médicos nos desloca para outro momento em que a narradora também questiona o modo como são decretadas as ações para com um doente mental. Maura indaga:

30-11-1959

(...) Por que os “castigos” aplicados ao doente mental quando ele se mostra sem razão? Compreendi o absurdo disto. É monstruoso. Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os “castigos”, aprovam-nos ou mandam até mesmo aplicá-los. É necessário levar em consideração que são estes mesmos médicos que classificam os doentes, “acusando-os” (é importante) de irresponsáveis. Mas esta responsabilidade de afirmar se o indivíduo é ou não responsável parece terminar no momento em que é feito o diagnóstico. Como punir a inconsciência é o que não entendo. (CANÇADO, 2015, p. 83)

Fica nítido que a lógica institucionalizada segue um padrão de hierarquias. O diretor, os médicos – em sua maioria homens –, as enfermeiras, as guardas, todo o corpo assalariado do espaço, possui um tipo de poder em suas mãos. As mulheres internadas no local manicomial carregam, além da contínua imagem de desacreditadas, toda uma mítica histórica a respeito da “histeria”.<sup>7</sup> Torna-se, portanto, recorrentemente impossível ativar discursos em favor de seus “direitos”, individuais e coletivos, uma vez que seus dizeres estão atravessados pelos diagnósticos a que foram submetidas. Cançado explicita de forma bastante lúcida as

---

<sup>7</sup> A respeito de tal consideração e fazendo um apanhado histórico acerca da loucura, o teórico Thomas Szasz (1976) elabora um estudo que intitula “A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de saúde mental”. Tal elaboração *fabrica* um entendimento de que o modelo da psiquiatria institucional até o momento presente de sua pesquisa, dialogaria com as concepções e argumentos utilizados outrora na caça às bruxas, feiticeiras e heréticos. Segundo o estudioso, “o que denominamos Psiquiatria contemporânea e dinâmica não é um progresso notável com relação às superstições e práticas das caças às bruxas, segundo a interpretação dos propagandistas da Psiquiatria contemporânea, nem um retrocesso com relação ao humanismo do Renascimento e ao espírito científico do Iluminismo, tal como pensam os românticos tradicionalistas. Na realidade, a Psiquiatria Institucional é uma continuação da inquisição. O que mudou foi apenas o vocabulário e o estilo social. O vocabulário se ajusta às expectativas intelectuais de nossa época: é um jargão pseudocientífico que parodia os conceitos de ciência. O estilo social se ajusta às expectativas políticas de nossa época: é um movimento social pseudoliberal que parodia os ideais de liberdade e racionalidade”. (p. 56)

relações de poder que são ativadas dentro do Hospital Pedro II, e através desse mecanismo de tornar transparente todos os ocorridos dessa realidade é que a sua resistência é acionada. A narrativa completa:

12-11-1959

(...)

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. (CANÇADO, 2015, p. 49)

Um dos pontos que a narradora começa a trilhar ao longo de seu discurso é o de tornar de conhecimento público que a instituição tende a encobrir seus procedimentos. Ao designar a noção de poder calcada nas hierarquias de valores e responsabilidades dentro dos muros, testemunhando que os médicos tendem a aceitar as afirmações advindas das guardas e enfermeiras, Maura apresenta a ideia central do caráter punitivo do espaço em que se encontra. Segundo Foucault (2010), a disciplina é uma espécie de exercício fundamentado na concepção da “indução de poder”. Buscar meios de disciplinar sujeitos estaria próximo à homogeneização dos espaços, garantindo, enfim, a preservação das hierarquias. Nas palavras do filósofo vemos que:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzem a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. [...] Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeita-lo e processos para utilizá-lo. (FOUCAULT, 2010, p. 165)

O “jogo do olhar” está diretamente relacionado com a ideia de vigilância. No caso de *HD*, essa vigilância é efetuada a partir dos “cuidados” e ordenações advindas das guardas que, na maioria das vezes, apresentam posturas e enunciados extremamente arbitrários e em favor dos castigos psicológicos (confinamento em quarto forte) e físico (retirada de alimentos e eletrochoques, por exemplo). Adicionalmente, a ideia de “olho” – ver, enxergar, vigiar –, está fundamentalmente associada ao entendimento já referido neste artigo: o hospício, enquanto propulsor de um corpo que se busca e se perde, é o “todo poderoso”. É a instituição em que a personagem se encontra que a desloca em seus processos reflexivos e, para além disso, que a

confina e a “adestra”<sup>8</sup>.

No caso de Cançado, esse deslocamento se faz não apenas através da dificuldade de afirmação de uma identidade, mas na possibilidade de visualização de que o corpo que se move através das páginas de *HD* trava uma espécie de batalha para se enxergar e, se enxergando, se mostrar ao outro.

## Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BASAGLIA, Franco. A instituição da violência. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. *As instituições e os discursos*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1974. p. 34-71
- BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: diário I*. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. As instituições e o poder. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. *As instituições e os discursos*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1974. p. 3-33
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edição Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GARRAMUÑO, Florencia *A experiência opaca: literatura e desencanto*. trad. Paloma Vidal, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Coleção Margens. Estampa: Lisboa, 1989.
- SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SZASZ, Thomas S. *A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

---

<sup>8</sup> O termo “adestrar” segue o vocabulário utilizado por Michel Foucault (2010) quando elabora suas considerações acerca do controle e disciplina de corpos.